

## Novos saberes. Novos poderes.

*J. F. David-Ferreira*

A medicina contemporânea é feita de muitos saberes. O mais antigo, tem raízes na construção hipocrática, fundamento da medicina ocidental e fonte de regras éticas que, ainda, se invocam nos nossos dias. Durante séculos, o progresso da arte médica consistiu na acumulação de dados de observação sobre a doença e de conhecimentos empíricos de valor limitado. Identificaram-se as patologias mais frequentes e ensaiou-se a sua classificação. Afinou-se a arte do diagnóstico e do prognóstico mas o poder de curar permaneceu, aliás até época recente, um ofício feito de mistério e de “poções”. De algumas doenças se dizia que se curavam com tratamento, sem tratamento e apesar do tratamento.

Todo o saber sobre a natureza da doença foi enquadrado, neste longo período pré-científico, por teorias especulativas sem base experimental e o poder do médico limitado a prever a evolução da doença e acompanhar o doente no seu sofrimento. Foi neste exercício, de “vidente” e de “anjo de guarda”, que se começou a alicerçar o prestígio social e profissional do médico.

A partir do século XVI, acompanhando o movimento científico nascente e quebrando tabus milenares, o corpo humano é estudado na sua normalidade anatómica e funcional. A evolução deste processo, é uma história longa que acompanha o desenvolvimento da ciência moderna.

Afinados os parâmetros da normalidade, a aplicação das novas técnicas e conhecimentos tornaram possível analisar e identificar os desvios produzidos pela doença.

Com a exploração da organização dos seres vivos, ~~a partir do século XIX~~, novos métodos e instrumentos permitem levar essa análise a níveis microscópicos e, dão lugar a uma revolução conceptual que culmina [na segunda metade do século XIX], com a teoria celular e teoria genética da hereditariedade, dois dos pilares da Biologia moderna.

A nova visão do corpo humano e da organização do mundo vivo e, as tecnologias que a permitiram alcançar, tiveram consequências imediatas no estudo da doença e da prática clínica. O diagnóstico adquiriu dimensão

laboratorial e iniciou-se a análise dos mecanismos da doença. Novas áreas disciplinares são incorporadas no curriculum escolar da medicina. Consolidam-se as suas bases científicas com o progresso desse corpo de conhecimentos, a que chamamos ciências básicas.

Os avanços científicos e técnicos transformaram as instituições de ensino e assistência hospitalar em centros pluridisciplinares de saber em que os técnicos de saúde ocupam progressivamente novos espaços.

Nessa multiplicidade de especialidades e vocações repartidas em que a prática médica se transforma, a doença constitui no ensino e na clínica o alvo de todas as atenções e, o médico perde o lugar de interlocutor privilegiado entre a doença e o doente. A diversidade de especialistas a que é preciso recorrer no exercício do diagnóstico e da terapêutica, com os seus benefícios de rigor e eficácia, arrasta o efeito perverso de repartir o doente por uma multiplicidade de agentes e encontros ocasionais quebrando neste processo a relação com o seu médico. Desumanização da Medicina, de que os doentes perdidos nos corredores das burocracias e tecnologias se queixam. Sofrem na solidão, sentimentos de abandono e procuram nas medicinas alternativas conforto personalizado para sofrimentos e angustias.

Nas últimas décadas um novo salto qualitativo, conceptual e técnico, deu às ciências biológicas, e consequentemente à Medicina, novos saberes e novos poderes para analisar, corrigir e modificar. Não é por acaso que a expressão Biomedicina, que consagra a integração desses saberes na prática médica é, hoje, tão frequente. É a era da Biologia Molecular que com o seu potencial de intervenção no diagnóstico e terapêutica constitui uma das fronteiras mais promissoras do progresso médico. Surgem, assim, quase diariamente novas revelações e aplicações, que acrescidas das especulações a que dão origem, abalam consciências e põem em causa a bondade do próprio progresso científico. Geram-se controvérsias. Compreende-se por exemplo que o poder preditivo das novas tecnologias ao penetrarem nos segredos armazenados no DNA de cada um perturbem e alarmem pela capacidade de selecção que conferem aos empregadores e às companhias de seguro. Imaginam-se e propõem-se regulamentos éticos que defendam na saúde e na doença a intimidade genética e os desafios para aplicar ~~a~~ Ciência com consciência são muitos. Há os temores e até se esquecem os potenciais benefícios. Daí a necessidade, de que fala Leonor Parreira, de integrar na preparação dos futuros médicos, não só, o uso da linguagem e conceitos da

10

nova Biologia mas, também a consciencialização das suas aplicações éticas e terapêuticas.

Será possível transmitir num mesmo espaço saberes tão diversos?

(1a) Como compatibilizar uma preparação científica diversificada e exigente com formação cultural e humana necessária ao bom desempenho da relação médico - doente?

(2) Das contribuições da Leonor Parreira e Luísa Figueira, que constituem esta sessão, pode concluir-se que repensar as Faculdades de Medicina, é um desafio à capacidade para se integrarem os saberes e poderes da nova Biologia e, para compatibilizar uma prática médica, tecnicamente avançada, com uma assistência que cultive as relações humanas com os que sofrem e respeite a sua dignidade como pessoas.